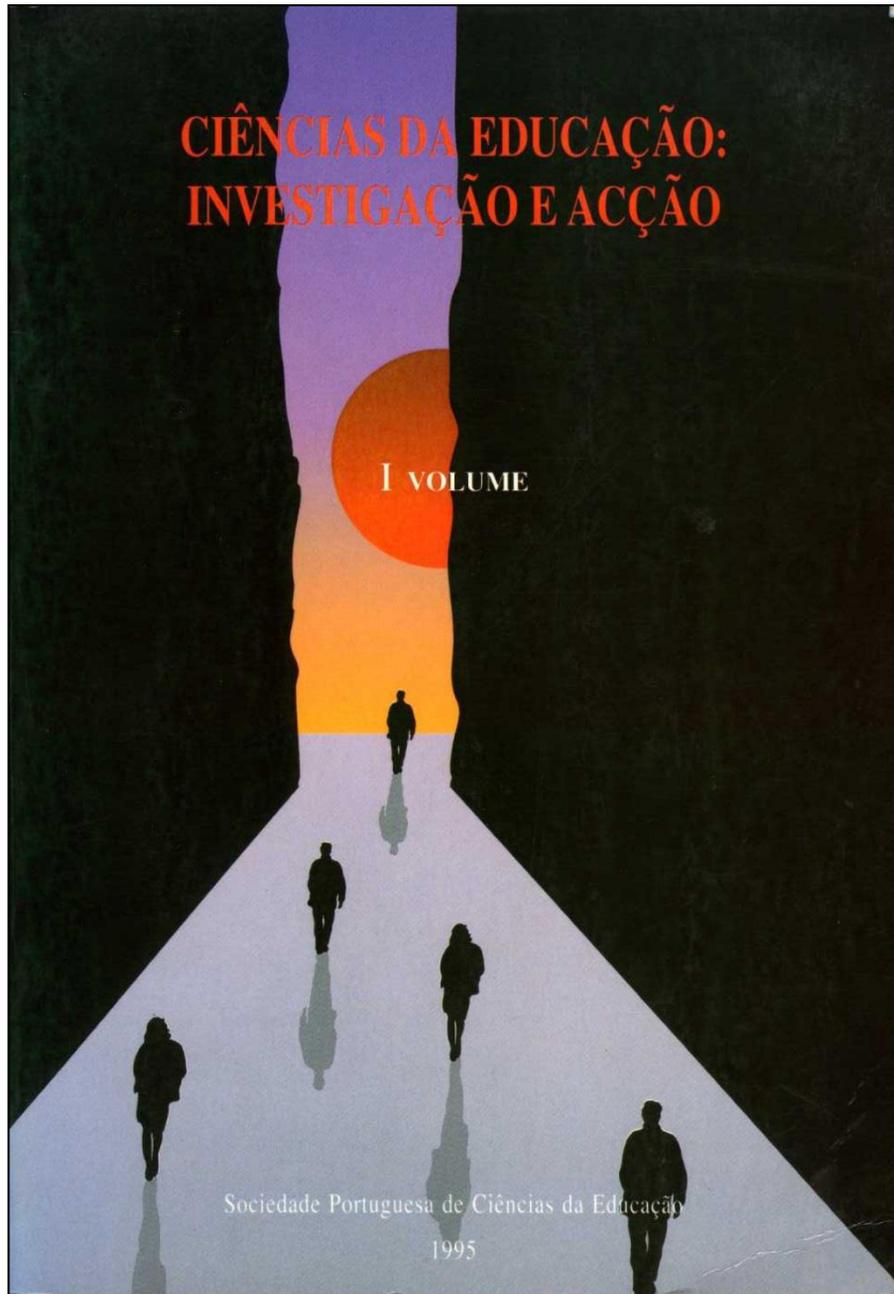


Blanco, Elias & SILVA, Bento (1995). Os mundos Comunicativos dos Jovens Escolares. In *Actas do II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*. Vol. I. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 475-488. (ISBN: 972-95469-8-3).



OS MUNDOS COMUNICATIVOS DOS JOVENS ESCOLARES

ELIAS BLANCO
BENTO DUARTE DA SILVA
UNIVERSIDADE DO MINHO

1. INTRODUÇÃO – EQUAÇÃO DO PROBLEMA

O acto comunicativo é um processo vital e social através do qual indivíduo e organizações se relacionam um com os outros, influenciando-se mutuamente. A essência do homem é o encontro, *comunicar-se e receber comunicação* (Thayer, 1968).

A utilização de meios para facilitar o encontro comunicativo foi uma preocupação sempre presente nas diversas etapas do processo civilizatório. Romper os limites impostos pelo tempo e pelo espaço foi um processo vital para o homem comunicante.

A comunicação interpessoal, em que o homem é o próprio suporte da comunicação através de linguagens de exteriorização (pela palavra e os gestos) é a primeira forma de comunicação utilizada e constitui ainda, hoje em dia, a essência da relação humana.

Passou-se depois para os media suporte. A escrita pictográfica e sobretudo a alfabética arranca o homem da interdependência total, mas também faz surgir a comunicação de elite (Cloutier, 1975) baseada na desigualdade dos comunicadores entre os que a dominam ou não. Dominar as técnicas de comunicação é uma fonte do poder. A educação escolar, em detrimento da educação familiar, começa a impôr-se como local privilegiado de acesso ao saber (1). A invenção da imprensa no século XV por Gutemberg vai amplificar o poder da escrita. O poder desta forma de comunicação na cultura ocidental pode medir-se pela *abordagem tradicional* ao conceito de alfabetização, isto é, aquele ser humano que sabe ler, escrever e contar (alfabetidade verbal).

Na idade moderna, com o aparecimento de novas médias (“mass-media”) entramos na era da comunicação de massa “*a corrente verdadeiramente nova do séc. XX*” (Morin, 1962: 17). O jornal, o cinema, a rádio e a televisão passam a constituir espaços informativos e educativos, de tal modo que a designação de escola paralela (extra-escolar) impôs-se (2).

Paralelamente ao aparecimento das técnicas de comunicação de massa, desenvolve-se a tecnologia de registo com os “self-media”. Com a fotografia, a audiografia, a reprografia, a videografia e a multigrafia o homem comunicante entra na era da *comunicação individual* (Cloutier, 1975), onde tem a possibilidade de ter acesso (e de criar) a mensagens sempre disponíveis, conservadas nas linguagens mais apropriadas.

Esta breve resenha do processo comunicacional mostra o crescente envolvimento da tecnologia na esfera do discurso, alterando radicalmente o mundo comunicacional. Da interdependência da aldeia tribal passamos à aldeia global. Cloutier (1975) fala-nos do EMEREC (“homo communicans”) na hora do audio-scripto-visual e Vallet (1977) de linguagem total – verbo-audio-visual –. O homem actual, graças aos “mass-media” e “self-media” dispõe não só da linguagem das palavras (oral e escrita) para expressar-se e comunicar-se, mas de outra muito mais rica e complexa, a linguagem *das palavras, dos sons e da imagem*, e neste sentido, afirma Vallet (1977), a *linguagem total* deveria recobrir o conceito tradicional de *linguagem maternal*, pois o alfabetizado de hoje deve ser capaz de perceber, interpretar e utilizar a miríade de estímulos de determinado meio social. Em conformidade, a Unesco passa a adoptar a *abordagem funcional* da alfabetização, distinta da *tradicional*, “posto que ela já não é uma acção isolada, distinta, mesmo um fim em si, mas considera o analfabeto em situação de grupo, em função de um determinado meio e numa perspectiva de desenvolvimento” (Unesco, 1975: 11).

A linguagem total é de facto uma realidade social da sociedade contemporânea. Graças a uma variedade de meios comunicativos, o homem expressa-se através do *scripto* (livro, jornal...), do *audio* (rádio, discos...), do *visual* (fotografia, diapositivo, cartaz...), do *audiovisual* (cinema, televisão, vídeo), do *audioscripto-visual* (multimédia). A consciência desta realidade social deve orientar a acção educativa.

A aproximação da escola à vida não é uma ideia nova: Coménio, Pestalozzi, Dewey, Freinet, entre outros, preconizaram-na. Numa interpretação moderna das suas teses apareceriam partidários da inter-relação estreita dos médios à aprendizagem escolar.

O princípio n.º 15 do relatório Faure sobre a Reforma do Sistema Educativo, realizado em 1972 sob os auspícios das Nações Unidas, estabelece que “*o efeito acelerador e multiplicador das novas técnicas de reprodução e de comunicação constitui a primeira condição da realização da maior parte das inovações*” (Faure, 1977: 310). Educar para comunicar e educar com os media são, desde então, princípios orientadores adjacentes a qualquer reforma educativa com a fundamentação de aproximar os universos comunicativos social e escolar. Estarão estes universos aproximados ou em divórcio? Diversas investigações encetadas na década de 70 e primeira metade da de 80 falam num claro divórcio. McLuhan (1967) diz-nos que a pedagogia contemporânea não corresponde à idade da electricidade, ficou na idade da escrita, existindo “*uma enorme diferença entre o ambiente familiar moderno de informação electrónica integrada e a sala de aula*” (1968:18). Porcher (1977: 22) fala numa *escola imóvel* onde o aparecimento dos meios de comunicação social surge aos olhos dos professores “*como uma invasão da terra natal, como um inimigo indigno e, no sentido próprio da palavra, ignóbil (quer dizer “sem nobreza”)*”. Ely (1980: 51) fala-nos nos *dois mundos do aluno* em resultado da constatação do divórcio entre a escola e a sociedade, pois “*no centro da revolução mundial da comunicação, a escola resiste distante, rígida, imóvel... um muro continua a separar a escola da sociedade*”. Judith Lazar (1985: 179/181), num trabalho mais recente onde aborda a relação entre a escola-comunicação-televisão na sociedade francesa, conclui “*que a escola representa uma estrutura caduca...[pois] o método pedagógico, assim como o conteúdo nunca mudam de ano para ano, enquanto que o mundo no qual a escola está inserido se desen-*

volve a uma velocidade fulgurante” [sendo o problema mais grave que se põe no actual contexto e que coloca em perigo todo o sistema escolar] *“a dicotomia enorme entre a procura de uma nova geração que cresceu no seio dos média e a oferta inadapada a essa procura, difundida pela escola”*.

Podemos aceitar que a fase do “planetarismo” (mass-media), durante a qual dominou a atracção pelo “pôr-se à escuta”, não era a mais adequada, devido à inexistência das técnicas de registo, para fazer a integração curricular dos “mass media” na escola. Não nos surpreendem, assim, as constatações dos estudos acima mencionados. Porém, o desenvolvimento da tecnologia de comunicação, as chamadas Novas Tecnologias da Informação (N.T.I.), permitiu ultrapassar esta fase. Vive-se hoje um período histórico, onde a par dos “mass media”, coexistem os “group media” e os “self media”, permitindo que se utilize plenamente e sem qualquer restrição (localmente, em grupo e individualmente), tanto para receber como para produzir, mensagens de natureza discursiva audio-scripto-visual.

Existirá então, nos primórdios da década de 90, a tão desejada aproximação dos espaços educativos escolar e extra-escolar//curricular e extra-curricular? A prossecução desta ideia constitui a raiz do problema da nossa investigação. Através das respostas a um inquérito, preenchido por jovens escolares (idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos), os autores procurarão analisar as formas de ocupação dos tempos livres (em termos comunicacionais) e as formas de comunicação utilizadas no processo ensino-aprendizagem. A idade, o sexo, a localização do habitat residencial e da escola, e a posição sócio-educogénica familiar são variáveis que influenciam o mundo comunicativo dos jovens? Sociedade e Escola, são dois mundos comunicativos diferenciados? Estas são as questões às quais tentaremos dar resposta nas páginas seguintes.

2. METODOLOGIA

2.1. Instrumento de recolha de dados

As opiniões dos jovens escolares foram medidas por um questionário. O questionário foi submetido ao parecer de especialistas em métodos de investigação em Ciências da Educação (3) e testado junto de uma amostra preliminar de quarenta alunos em duas escolas, tendo em vista verificar a validade aparente e a validade de conteúdo dos itens.

A aplicação do questionário decorreu durante o mês de Junho de 1991. A entrega dos questionários aos alunos seleccionados foi efectuada na escola, mas o seu preenchimento foi feito fora da sala de aula. Optamos por este processo para se evitar eventuais constrangimentos que os alunos possam ter (ou imaginar) perante o peso da autoridade escolar, mas em contrapartida houve questionários que não foram devolvidos, ficando a amostra produtora de dados reduzida em 8% em relação à amostra aceitante.

2.2. População e Amostra

A população é constituída pelos alunos que frequentam o ensino secundário unificado (3.º ciclo do ensino básico) nas escolas do concelho de Braga. A escolha deste grau de ensino deve-se ao facto de nos interessar inquirir os jovens com idade compreendida, essencialmente, entre os 12 e 16 anos.

A amostra produtora de dados é constituída por 328 alunos. Optamos pelo método de amostragem estratificada pelos 3 anos de escolaridade (7.º, 8.º e 9.º) e por localização espacial (urbana e rural) da escola. Na selecção das turmas e dos alunos optamos pelo método de amostragem aleatória, sendo o questionário preenchido apenas por 5 alunos em cada turma (o que perfaz a sua passagem em cerca de 80 turmas), reduzindo-se deste modo a possibilidade de enviesamento.

2.3. Variáveis

a) *Independentes*

Para efeitos de tratamento estatístico considerámos as seguintes variáveis independentes: **Ano de escolaridade** (40,6% jovens do 7.º ano, 32,9% do 8.º ano e 26,5% do 9.º ano); **Localização espacial da escola** (67,1% jovens frequentam escolas situadas no espaço urbano e 32,9% no espaço rural); **Sexo** (47,6% jovens do sexo masculino e 52,4% do sexo feminino); **Idade** (39,3% jovens com idades compreendidas entre 12/13 anos, 49,1% entre os 14/15 anos e 11,6% com 16 e mais anos); **Localidade da residência** (46,6% jovens residem no espaço urbano e 53,4% no espaço rural); **Posição Social Educogénica Familiar** (5) (12,8% jovens de posição social elevada, 26,2% da média e 61% da baixa).

b) *Dependentes*

As variáveis dependentes são constituídas pelos diferentes itens do questionário e, na medida em que este tem como principal objectivo verificar quais são os mundos comunicativos dos jovens escolares, os itens são elementos operatórios desses mesmos mundos.

Os diferentes conjuntos de itens, variáveis dependentes, formam dois grandes campos de observação em relação aos mundos comunicativos dos jovens escolares:

- **“Ocupação dos tempos livres pelos jovens”**, constituído por 21 itens que definem a dimensão comunicativa no tempo extra-escolar (6);
- **“A utilização de meios audio-scripto-visual na aula”**, constituído por 15 itens que definem a dimensão comunicativa utilizada no tempo escolar.

2.4. Tratamento dos dados

A análise efectuada consta essencialmente do estudo de algumas relações entre as variáveis independentes e as variáveis dependentes. Os procedimentos estatísticos referem-

-se à análise das frequências das respostas aos itens e à análise da significância das diferenças entre as variáveis, calculadas por intermédio do teste *t* e da variância (teste *anova*), utilizando para o efeito o programa Statview 512 do sistema informático Macintosh.

3. RESULTADOS

3.1. Ocupação dos tempos livres pelos jovens

Quadro n.º 1
Valores médios, desvio padrão e ordenação da ocupação
dos tempos livres por centros de interesse

ORDEM	CENTROS DE INTERESSE	M	DP
1	Ver televisão	4,16	1,22
2	Fazer os trabalhos escolares	3,77	1,24
3	Sair com os amigos	3,70	1,51
4	Ouvir rádio	3,68	1,44
5	Fazer desporto	3,58	1,54
6	Ouvir discos	3,10	1,55
7	Ler revistas ou banda desenhada	2,97	1,34
8	Ler livros	2,63	1,32
9	Fazer desenho, pintar	2,50	1,24
10	Ler jornais	2,29	1,18
11	Ver vídeo	2,24	1,17
12	Mexer em computador	2,04	1,31
13	Fazer música, tocar um instrumento	1,89	1,25
14	Fazer outros trabalhos (cerâmica, bordar...)	1,74	1,13
15	Fazer fotografia	1,47	0,76
16	Fazer vídeo	1,18	0,56

Observ: ocupação dos tempos livres numa semana de 5 dias escolares (de 2.^a a 6.^a feira). M- média; DP- Desvio padrão; Os "scores" podem variar entre um mínimo de "1" e um máximo de "6": 1 - nunca; 2 - pouco (até 1 h./dia); 3 - um pouco (+1h. a 2h./dia); 4 - bastante (+ de 2h. a 3h./dia); 5 - muito (+3 h. a 4h./dia); 6 - enormemente (+4h./dia)

O quadro n.º 1 permite visualizar os principais centros de interesse em que os jovens ocupam os seus tempos livres numa semana de 5 dias escolares (de 2.^a a 6.^a feira).

Como se pode verificar, o centro de interesse mais importante, em que os jovens ocupam mais tempo livre (nível médio 4 -bastante-, ou seja, mais de 2 a 3 horas por dia),

é a **televisão**. Refira-se que cerca de 40% dos jovens ocupam mais de 3 horas por dia (níveis “enormemente” e “muito”) com este centro de interesse, havendo apenas 0,6 % (2 jovens) que não vêem televisão.

Seguem-se (com um nível médio 3 –“um pouco”– ou seja, mais de 1 a 2 horas por dia) os centros de interesse seguintes: “fazer os trabalhos escolares”, “sair com os amigos”, “ouvir rádio”, “fazer desporto” e “ouvir discos”.

Em relação aos media de suporte scripto (revistas/banda desenhada, livros e jornais) verifica-se uma ocupação de nível 2 (“pouco” até 1h./dia). A preferência dos jovens incide nas revistas/banda desenhada (média de 2,97), com cerca de 16% a dedicarem-lhes mais de 3 horas por dia (níveis “enormemente” e “muito”), ao passo que em relação ao livro e ao jornal a percentagem baixa para cerca de 11% e 6% respectivamente. Por outro lado, se há cerca de 12% de jovens que referem não ler revistas, no que concerne aos livros e aos jornais esta percentagem sobe para 20% e 26% respectivamente.

Em relação ao domínio das novas tecnologias de comunicação, como seja “ver vídeo” e “mexer em computador (7)”, verifica-se um começo da penetração destas tecnologias na ocupação dos tempos livres: os jovens dedicam-lhes, em média, cerca de 1 hora por dia. No entanto, há cerca de 7% dos jovens que mexem em computadores mais de 3 horas por dia (embora haja 46% que não o fazem) e cerca de 5% que vêem vídeo também mais de 3 horas/dia (com 30% a referirem que nunca o fazem). “Fazer vídeo”, isto é, operar com a câmara vídeo, é uma ocupação ainda com muito fraca penetração (há cerca de 89% que referem nunca o fazer, sendo, aliás, o centro de interesse com a maior percentagem de não ocupação).

O quadro n.º 2 permite visualizar a ocupação de tempos livres em centros de interesse de frequência mais espaçada no tempo, isto é, de não ocorrência diária, como regra geral.

Quadro n.º 2

Valores médios, desvio padrão e ordenação da ocupação dos tempos livres por centros de interesse de frequência mais espaçada no tempo

ORDEM	CENTROS DE INTERESSE	M	DP
1	Passear com a família	3,56	0,71
2	Ir ver competições desportivas	2,66	1,08
3	Ir ao cinema	2,45	0,89
4	Visitar museus	1,76	0,73
5	Ir ao teatro	1,37	0,64

Observ: Os “scores” podem variar entre um mínimo de “1” e um máximo de “4”: 1 – nunca; 2 – poucas vezes (pelo menos 1 vez por período lectivo); 3 – algumas vezes (pelo menos 1 vez por mês); 4 – muitas vezes (pelo menos 1 vez por semana)

Como se pode verificar a principal ocupação dos tempos livres dos jovens incide em “passear com a família” (68% fazem-no semanalmente). “Ir ver competições desportivas” e “ir ao cinema” são também duas actividades que apresentam “scores” com uma fre-

quência razoável de ocupação: 30% e 10% dos jovens fazem-no semanalmente e mais de 50% mensalmente. “Visitar museus” e “ir ao teatro” são as duas ocupações com um menor “score” de frequência: 40% dos jovens nunca visitem museus e 70% também nunca assistem ao teatro (8).

3.2. Como gostariam os jovens de ocupar os tempos livres

No ponto anterior analisamos as formas efectivas de ocupação dos tempos livres pelos jovens. Vejamos agora as suas manifestações em como os gostariam de ocupar, caso lhes fossem oferecidas actividades e tivessem oportunidade de as concretizar (9). O quadro n.º 3 permite visualizar essas manifestações.

Quadro n.º 3
Valores médios, desvio padrão e ordenação da manifestação do desejo de ocupar os tempos livres

ORDEM	CENTROS DE INTERESSE	M	DP
1	Sair com os amigos	2,87	0,36
2	Mexer em computadores	2,74	0,52
3	Fazer desporto	2,73	0,54
4	Ir ao cinema	2,70	0,52
5	Passear com a família	2,63	0,56
6	Ver vídeo	2,56	0,58
7	Ir ver competições desportivas	2,51	0,66
8	Ouvir discos	2,50	0,62
9	Ver televisão	2,45	0,64
10	Ouvir rádio	2,37	0,65
11	Fazer vídeo	2,27	0,74
12	Ler revistas ou banda desenhada	2,21	0,70
13	Fazer fotografia	2,19	0,74
14	Visitar museus	2,17	0,71
15	Fazer música, tocar um instrumento	2,12	0,78
16	Fazer desenho, pintar	1,96	0,76
17	Fazer os trabalhos escolares	1,95	0,69
18	Ler livros	1,95	0,70
19	Ir ao teatro	1,90	0,77
20	Ler jornais	1,82	0,67
21	Fazer outros trabalhos (cerâmica, bordar...)	1,69	0,80

Observ: os “scores” podem variar entre um mínimo de “1” e um máximo de “3”: 1 – não gostaria; 2 – gostaria pouco; 3 – gostaria muito

A análise dos resultados permite destacar, como principais, as conclusões seguintes:

- “Sair com os amigos” é o centro de interesse mais importante na manifestação do desejo em ocupar os tempos livres. Esta actividade ocupa já um lugar de destaque na ocupação efectiva dos tempos livres, mas os jovens reforçam-na como uma necessidade fundamental. “Fazer desporto”, “ir ao cinema” são actividades relacionadas com esta necessidade, onde se desenvolve o convívio com o *outro*, com os pares (os amigos).
- No universo dos meios de comunicação há uma atracção pelas novas tecnologias de comunicação: computadores (2.º lugar na preferência) e vídeo ocupam um lugar de destaque. As manifestações indicam que existe uma preferência pelos meios onde os jovens possam ser actores activos no processo de comunicação através da selecção das mensagens: preferem o vídeo à televisão e os discos à rádio. Em relação aos meios de suporte scripto as manifestações de desejo são baixas: com excepção da leitura de revistas/banda desenhada, a leitura de livros e jornais apresenta “scores” próximos duma manifestação negativa.

3.3. Análise da ocupação dos tempos livres em função das variáveis independentes

Passamos agora a mostrar algumas das respostas que apresentaram diferenças significativas quando se procurou explorar as relações entre as variáveis independentes e dependentes (10).

- a) Em relação à variável independente **sexo**, os resultados revelam que há diferenças significativas em onze centros de interesse de ocupação de tempos livres. A análise dos dados permite verificar que os rapazes dedicam mais tempo ao audiovisual (“ver televisão”, “ver vídeo”, “ir ao cinema”), à informática (“mexer em computador”, à leitura (“ler jornais”, “ler revistas”), ao desporto (“fazer desporto” e “ir ver competições desportivas”) e a “sair com amigos”, enquanto as raparigas dedicam mais tempo a “ouvir rádio” e a “fazer os trabalhos escolares”. Esta análise parece permitir concluir que os rapazes alargam com mais intensidade os seus horizontes comunicativos/informativos, ao passo que as raparigas dedicam-se mais a uma actividade de continuidade escolar – fazer os trabalhos escolares – acompanhada da audição rádio.
- b) Em relação à variável independente **localidade da residência** os resultados revelam que há apenas diferenças significativas em cinco centros de interesse de ocupação de tempos livres, o que parece indiciar que a tradicional dicotomia entre os espaços urbano/rural está sensivelmente esbatida nesta região. Verifica-se que os jovens residentes no espaço urbano dedicam-se mais à informática, à música, ao cinema e a passear com a família, enquanto os do espaço rural dedicam-se mais a ouvir rádio.

- c) Em relação à variável independente **idade**, os resultados revelam que há diferenças significativas em sete centros de interesse de ocupação de tempos livres. A comparação permite verificar que os jovens mais novos (12/13 anos) dedicam-se a actividades mais concretas (fazer música/tocar um instrumento, desenhar/pintar, fazer outros trabalhos como cerâmica, bordar..), enquanto os mais velhos (sobretudo os com 16 ou mais anos) dedicam-se a actividades mais informativas/contemplativas (ouvir rádio, discos). Porém, a diferença mais significativa relaciona-se com as modificações comportamentais na socialização, pois enquanto os mais novos estão ainda ligados à tutela familiar (item “passear com a família”) já os mais velhos preferem mais “sair com os amigos”.
- d) Em relação à variável independente **posição social educogénica familiar** os resultados revelam que há diferenças significativas em quatro centros de interesse de ocupação de tempos livres. A comparação permite verificar que os jovens de posição social elevada ocupam mais tempo com os computadores (diferença significativa quer em relação aos de posição social baixa e média), com a música (tocar um instrumento) e com o cinema, ao passo que os de posição social baixa ouvem mais rádio.

Em síntese e atendendo aos diversos meios que dimensionam os mundos comunicativos dos jovens, a análise dos resultados permite concluir que há diferenças significativas nas situações seguintes:

- a) **Audiovisual**: diferenças em relação ao **sexo** – os rapazes contactam mais com os meios de suporte audiovisual;
- b) **Visual**: diferenças em relação à **idade** – os jovens mais novos (12/13 anos) dedicam mais tempo à imagem fixa (principalmente no desenho/pintar);
- c) **Scripto**: diferenças em relação ao **sexo** – os rapazes lêem mais (revistas e jornais);
- d) **Informática**: diferenças em relação ao **sexo**, à **localidade de residência** e à **posição social educogénica familiar** – os rapazes residentes no espaço urbano e de posição social elevada são que ocupam mais tempo com computadores.
- e) **Audio**: não há diferenças significativas em relação às variáveis independentes, atendendo-se ao conjunto de itens que caracterizam esta dimensão comunicativa. No entanto, pode-se inferir que os jovens mais novos, urbanos e de posição social elevada dedicam-se mais a fazer música/tocar um instrumento, enquanto os mais velhos, rurais e de posição social baixa ocupam mais tempo com a audição da rádio.

3.4. A comunicação no processo de ensino-aprendizagem

Quadro n.º 4
Valores médios, desvio padrão e ordenação dos
meios audio-scripto-visual utilizados na aula

ORDEM	MEIOS: AUDIO-SCRIPTO-VISUAL	M	DP
1	Manual escolar (livro)	4,0	0,0
2	Transparências (retroprojector)	3,02	0,99
3	Diapositivos (slides)	2,87	0,82
4	Diaporama	2,03	0,85
5	Programas em vídeo	1,69	0,69
6	Fotografias	1,68	0,84
7	Gravação audio	1,53	0,80
8	Revistas	1,48	0,78
9	Computador	1,46	0,88
10	Emissão rádio	1,42	0,82
11	Emissão televisão	1,33	0,61
12	Jornais	1,33	0,62
13	Banda desenhada	1,29	0,71
14	Filmes (cinema)	1,22	0,51
15	Discos	1,13	0,50

Observ: os "scores" podem variar entre um mínimo de "1" e um máximo de "4": 1 – nunca; 2 – poucas vezes (pelo menos 1 vez por período); 3 – algumas vezes (pelo menos 1 vez por mês); 4 – muitas vezes (pelo menos 1 vez por semana).

O quadro n.º 4 permite visualizar os principais meios de comunicação utilizados nas aulas. Como se pode verificar o meio de utilização mais frequente, é o **manual escolar** (nível 4 – "muitas vezes"). Em destaque imediato surge a **transparência** (nível 3 – "algumas vezes", com 40% dos alunos a referirem que este meio é utilizado "muitas vezes", ou seja, semanalmente, e 10% a referir que nunca é utilizado).

Depois, com um nível médio 2 ("poucas vezes", ou seja, utilização pelo menos por período lectivo) surge o **diapositivo** (nível de 2,87, com 22% dos alunos a indicarem a frequência de utilização "muitas vezes") e o **diaporama** (nível 2,03, com cerca de 30% a referirem uma utilização mais frequente (10)).

Em relação aos restantes meios, os "scores" médios são baixos indicando uma utilização muito esporádica. No entanto, a distribuição percentual das frequências refere que há uma utilização regular de alguns meios, nomeadamente o computador, indicado por 7% dos alunos com a frequência de "muitas vezes", isto é, semanalmente.

Passamos agora a mostrar algumas das respostas que apresentaram diferenças significativas quando se procurou explorar as relações entre as variáveis independentes e dependentes.

a) Em relação à variável independente **localização espacial da escola** os resultados

mostram que nas escolas situadas em espaços rurais (periféricas à cidade) há diferenças significativas na utilização de sete meios, nomeadamente aos do âmbito dos “mass-media” e das novas tecnologias (televisão, rádio, revistas, jornais, discos, vídeo e computador). A explicação para este facto deve prender-se com a natureza do corpo docente, mais jovem, que lecciona nestas escolas (11).

- b) Em relação à variável independente **anos de escolaridade** os resultados revelam que há diferenças significativas na utilização de seis meios. Há preponderância da televisão, discos e banda desenhada no 7.º ano e do vídeo, diapositivos e transparências no 9.º ano. Em quase todas as situações o 8.º ano perde no confronto com os outros dois anos.

4. CONCLUSÕES

A primeira constatação que a análise global dos resultados permite estabelecer é a de que, para a maioria dos jovens que fazem parte da amostra inquirida, os tempos livres não são uma simples escapatória. Dedicam-se ao desenvolvimento de necessidades fundamentais: ao *trabalho* (“execução dos trabalhos escolares”), ao *convívio* (“sair com os amigos”, “passear com a família”), ao *desenvolvimento da cultura física* (“fazer desporto”) e ao *desenvolvimento da informação* (“ver televisão”, “ouvir rádio” e “ler”).

No que concerne ao desenvolvimento da informação e atendendo aos “scores” de ocupação dos tempos livres com os diversos meios de comunicação, o universo comunicativo dos jovens escolares é diversificado e multiplural. Os jovens lidam diariamente com várias dimensões comunicativas, embora pareça ser indiscutível que o audiovisual ocupa um lugar muito importante.

A televisão é o centro de interesse mais importante: cerca de 70% vêem mais de 2 horas por dia, com 17% a verem mais de 4 horas/dia e apenas 0,6 a referirem que não vêem. Em contraste verificamos que há um número significativo de jovens que lêem pouco (26% referem que não lêem jornais, 20% livros e 12% revistas/banda desenhada).

A atracção pelas novas tecnologias de comunicação (computador e vídeo) é posta em relevo quando estes meios são colocados em lugar de destaque nas manifestações de desejo em ocupar os tempos livres.

Atendendo-se às diversas variáveis independentes os resultados indicam que é o **sexo** a revelar mais diferenças significativas em relação aos centros de interesse de ocupação de tempos livres. Os rapazes alargam com mais intensidade os seus horizontes comunicativos/informativos, dedicando mais tempo ao audiovisual (televisão, vídeo, cinema), à informática, à leitura (jornais, revistas), ao desporto e a sair com amigos, ao passo que as raparigas dedicam-se mais a uma actividade de continuidade escolar – fazer os trabalhos escolares – acompanhada da audição rádio.

Em relação às diferentes dimensões comunicativas, a **Informática** regista as maiores variações conforme as variáveis independentes: é influenciada pelo sexo, pela localidade de residência e pela posição social educogénica familiar – os rapazes residentes no espaço

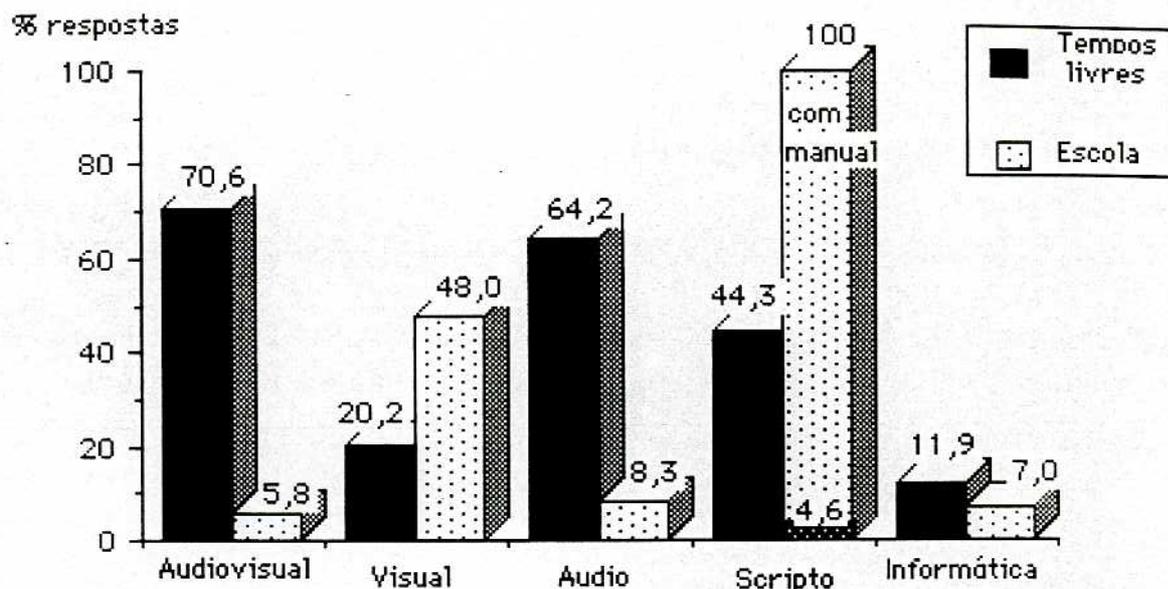
urbano e de posição social elevada são os que ocupam mais tempo com computadores.

A segunda constatação que a análise global dos resultados permite estabelecer é a de que o mundo comunicativo escolar é pouco diversificado, tal o predomínio avassalador do scripto. No entanto, este predomínio é feito exclusivamente pela utilização do manual, pois a utilização dos jornais e revistas é muito reduzida (cerca de 75% referem que estes meios nunca são utilizados). A par do scripto só a utilização da imagem fixa tem um significado de algum relevo: 48% referem a sua utilização semanal.

Atendendo-se às diversas variáveis independentes os resultados indicam que a **localização espacial da escola** tem influência na utilização de meios relacionados com os “mass-media” e as novas tecnologias: a televisão, a rádio, as revistas, os jornais, o vídeo e o computador, conhecem maior utilização nas escolas situadas em espaços rurais. Tal facto deve prender-se com a existência dum corpo docente mais jovem a leccionar nestas escolas. Reside aqui um sinal positivo na aproximação dos mundos comunicativos: os jovens professores, formados culturalmente na era das imagem e da comunicação total, mostram uma tendência favorável para integrarem curricularmente os novos media comunicativos.

A terceira constatação, como corolário lógico das duas anteriores, que os resultados permitem estabelecer é a existência dum divórcio entre os mundos comunicativos dos jovens: extra-escola (nos tempos livres) o jovem move-se numa maior diversificação dos meios com predomínio para o audiovisual, ao passo que no tempo escolar há maior reducionismo e um predomínio avassalador do scripto, nomeadamente através da utilização do manual escolar. A fig. 1, resultante do agrupamento de itens nas respectivas dimensões comunicativas, ilustra claramente esta situação de divórcio. A dimensão visual regista já uma penetração significativa na escola atingindo *scores* mais elevados que nos tempos livres. No entanto, esta conclusão deve ser lida com o devido cuidado, pois nos tempos livres (extra-escolar) contemplam-se itens de carácter produtivo (fazer fotografia, fazer desenho/pintar), enquanto na escola os itens são de carácter receptivo (ver diapositivos, fotografias e transparências) sendo este último meio, a transparência, o item referido com utilização mais frequente e que, na maioria das vezes, tem uma concepção documental próxima da dimensão scripto. Ainda em relação à dimensão scripto podemos detectar a situação de divórcio no que concerne à utilização dos seus distintos médias, pois enquanto no espaço extra-escolar há uma grande percentagem de jovens que se dedicam, de forma significativa, à leitura, particularmente de revistas e jornais, na escola o uso destes meios é de fraca intensidade.

Fig. 1
Comparação dos mundos comunicativos nos tempos livres e na escola



Observ: As cinco dimensões comunicativas são resultantes do agrupamento dos itens seguintes, em que pelo menos um dos meios foi utilizado de forma significativa: +2h/dia nos tempos livres e pelo menos 1 vez por semana na escola: **Audiovisual:** tempos livres (televisão, ver vídeo, fazer vídeo) e escola (televisão, vídeo, cinema, diaporama); **Visual:** tempos livres (fazer fotografia, fazer desenho/pintar) e escola (fotografia, diapositivo, transparência); **Audio:** tempos livres (rádio, discos, fazer música/tocar um instrumento) e escola (rádio, gravação audio, discos); **Scripto:** tempos livres (livros, jornais, revistas/banda desenhada) e escola (manual, revistas, banda desenhada, jornais); **Informática:** tempos livres e escola (computador).

NOTAS

(1) "A estrutura escolar da educação aparece ligada, essencialmente, à sistematização e à expansão progressiva do uso da linguagem escrita: a aprendizagem da leitura supõe muito naturalmente a presença de jovens reunidos à volta dum professor" [Faure, E. (1977: 47)].

(2) O peso da escola paralela na educação dos alunos é elucidativo quando especialistas americanos estimam que "80% da informação recolhida pelo aluno é feita fora da escola e está principalmente ligada à televisão" [Planque, B.(1971: 47)].

(3) Agradecemos o contributo dado pelo Doutor Oscar Serafini (Instituto da Educação, U.M.)

(4) A amostra aceitante, coincidente com a amostra convidada, era constituída por 400 alunos.

(5) Para a classificação social da população escolar utilizamos um instrumento de análise que tem como princípio diferenciador o grau de instrução dos pais dos alunos, tendo em conta, simultaneamente, o grau de instrução do pai e da mãe de cada jovem inquirido. A profissão dos pais serve apenas como variável de controle. Daí a designação Posição Social Educogénica Familiar. A posição é caracterizada *elevada* quando pelo menos um dos progenitores possui um nível de instrução superior; *média*, quando pelo menos um dos pais possui um nível de instrução secundário ou médio; *baixa*, quando os pais possuem apenas um nível de intrução até à

escolaridade obrigatória, tomando-se o ensino preparatório, 6.º ano, como referência. (Cf. Gomes, Carlos Alberto (1987).

(6) As actividades de tempos livres dos jovens são caracterizadas como ocupações, incluídas no domínio do lazer na acepção dada por Dumazedier: “o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo se pode entregar a seu belo prazer, quer seja para repousar, para se divertir, ou para desenvolver a sua informação” (in Dumazedier, J. (1962: 28).

(7) Por “mexer em computador” quer-se significar qualquer operação efectuada no computador, desde o jogo à manipulação de qualquer outro tipo de software.

(8) Refira-se que no concelho de Braga há uma importante presença de grupos teatrais. Para além da existência de uma companhia profissional, existem 21 grupos associados na ARTAM – Associação Regional de Teatro Amador do Minho.

(9) Esta dimensão da manifestação de desejo é constituída por 21 items, as mesmas variáveis que formam a dimensão anterior “formas de ocupação efectiva dos tempos livres”.

(10) Julgamos estar em presença dum reflexo da formação dos professores, pois na região há um elevado número de professores formados na Universidade do Minho, em cujo plano de estudos existe a disciplina de Tecnologia Educativa, onde este meio (diaporama) é um dos trabalhos práticos, passível de utilização posterior na prática lectiva.

(11) Esta hipótese foi comprovada por Silva (1989, p. 209/10)), cujos resultados obtidos indicam que os professores mais jovens (menos de 10 anos de docência) utilizam com mais frequência os meios audiovisuais e o computador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLOUTIER, J. (1975). *A Era de Emerec*. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa.
- DUMAZEDIER, J. (1962). *Vers une civilization du lesoir?*. Paris: Ed. du Seuil.
- ELY, D. (1980). Les deux mondes de l'élève. In *Perspectives*, vol.X,n.º 1, Paris: Unesco.
- FAURE, E. (1972). *Apprendre a être*. Paris:Unesco. (trad. port. *Aprender a Ser*, Lisboa, Bertrand, 1977.)
- GOMES, Carlos Alberto (1987). *A abordagem do insucesso escolar a partir de um inquérito sociológico*. (Tese de provas de aptidão pedagógica). Braga: Universidade do Minho.
- LAZAR, J. (1985). *École, communication, télévision*. Paris:PUF. (trad. port. *Escola, comunicação, televisão*. Porto, Rés Edit., s/d,).
- MACLUHAN, M. (1967). *La Galaxie Gutenberg*. Paris: Le Seuil.
- MCLUHAN, M. & FIORE, Q. (1968). *Message et massage*. Paris: Pauvert.
- MORIN, E. (1962). *L'esprit du temps*. Paris: Grasset.
- PLANQUE, B. (1971). *Audio-visuels et enseignement*. Paris: Casterman.
- PORCHER, L. (1974). *L'école parallèle*. Paris: Larrouse (trad. port. *A Escola paralela*. Lisboa, Livros Horizonte, 1977).
- SILVA, B. (1989). *Os Recursos didácticos numa perspectiva de Tecnologia Educativa: estudo sobre a sua situação na rede escolar do distrito de Braga* (provas de mestrado). Braga: Universidade do Minho.
- THAYER, L. (1968). *Communication and Communication Systems*. Illinois: Homewood Irwin. (trad. brasil. *Comunicação, Fundamentos e Sistemas*. S. Paulo, Atlas).
- UNESCO (1975). *Guia prático de alfabetização funcional*. Lisboa:Estampa.
- VALLET, A. (1977). *El lenguaje total*. Zaragoza: Luis Vives,